

## O que houve com os ricos da década de 1980?

Juan Ramón Rallo; segunda-feira, 7 abr 2014

Um dos erros mais frequentemente encontrados na maioria das análises ideologizadas da ciência econômica é aquele que pressupõe uma visão estática da riqueza. Quem pensa que a riqueza é estática cai no erro de considerar que, quando uma pessoa se torna rica, ela e seus herdeiros serão ricos — e cada vez mais ricos — para sempre. Não é necessário ir muito longe para encontrar um exemplo recente deste erro. O economista [Thomas Piketty](#), bastante em voga nestes tempos de demonização dos ricos, demonstra em seu deliciosamente equivocado livro *Capital no Século XXI* — o qual, obviamente, foi muito [elogiado por Paul Krugman](#) — que é muito provável que exista uma tendência dentro do capitalismo de que a rentabilidade do capital se situe acima da taxa de crescimento da economia, o que significa que a classe capitalista irá se apropriar de uma fatia cada vez maior da renda nacional, agravando as desigualdades sociais.

Pior ainda: Piketty também considera provável que os mais ricos dentro da classe capitalista tenham maiores facilidades para obter uma taxa de retorno superior àquela conseguida pelos capitalistas de menor dimensão, o que agravaria esse "curso natural" do capitalismo de fazer com que os super-ricos (e seus herdeiros) se apropriem de fatias crescentes da riqueza total.

Para demonstrar sua teoria, Piketty recorre ao ranking de *bilionários* elaborado anualmente pela revista Forbes e chega à seguinte conclusão: se agregarmos toda a riqueza possuída pela centésima milionésima parte da população mundial adulta em 1987 (ou seja, as 30 pessoas mais ricas do mundo em 1987) e compararmos esta riqueza à riqueza da centésima milionésima parte da população mundial adulta de 2010 (ou seja, as 45 pessoas mais ricas do mundo), chegaremos à conclusão de que esta riqueza cresceu a uma taxa média real anual de 6,8% (já descontada a inflação). Isso é o triplo do crescimento médio anual do conjunto da riqueza mundial (2,1%).

Os super-ricos, portanto, estão cada vez mais ricos, segundo Piketty. E estão mais ricos não por causa de sua exitosa gestão empresarial, mas simplesmente porque acumularam uma enorme quantidade de riqueza que é capaz de se auto-reproduzir como se estivesse no piloto automático.

Como diz o próprio Piketty em seu livro: "Uma das lições mais impactantes do ranking da Forbes é que, a partir de um determinado valor de riqueza, todas as grandes

fortunas têm suas origens ou na herança ou no valor gerado por uma empresa já estabelecida no mercado, e crescem a taxas extremamente elevadas — independentemente de se seu proprietário trabalha ou não trabalha."

No entanto, Piketty dá um salto lógico inadmissível: o fato de a riqueza da camada mais rica da sociedade ter crescido a uma taxa média anual de 6,8% entre 1987 e 2010 *não significa que as pessoas ricas de 1987 sejam as mesmas de 2010.*

E isso faz toda a diferença em sua teoria.

Por exemplo, se o indivíduo A foi a pessoa mais rica do mundo em 1987, tendo uma riqueza estimada em 20 bilhões de dólares, nada impede que, em 2010, este mesmo indivíduo já tenha se arruinado por completo, e que outro indivíduo, o indivíduo B, tenha se tornado a pessoa mais rica do mundo, com uma riqueza estimada em 40 bilhões de dólares.

Tendo isso em mente, será que podemos concluir que a conservação e o acréscimo de riqueza é um processo simples e automático, o qual não requer nenhuma destreza pessoal da parte de seu proprietário? É óbvio que não.

Por sorte, não há necessidade nenhuma de ficarmos apenas especulando hipóteses teóricas sobre o crescimento da riqueza dos super-ricos entre 1987 e 2010; podemos simplesmente analisar o que de fato ocorreu com os ricos de 1987. Será verdade que a riqueza deles cresceu desde então a uma taxa de 6,8% ao ano, como afirma Piketty? Ou será que ela estancou ou até mesmo retrocedeu, fazendo com que eles tenham sido desbancados por outros criadores de riqueza?

### **Os dez homens mais ricos do mundo em 1987**

Foi em 1987 que a revista Forbes começou a elaborar seu ranking de bilionários. [Se você olhar hoje aquela lista de 1987](#), provavelmente irá se surpreender: você não conhecerá praticamente ninguém. E não, a razão disso não é que a maioria daqueles bilionários morreu; a razão é que praticamente todos eles viram seu patrimônio definhar de maneira considerável.

Começemos pelo homem mais rico do mundo em 1987: o japonês Yoshiaki Tsutsumi, que tinha uma fortuna estimada em 20 bilhões de dólares. A última vez em que ele apareceu no ranking da Forbes foi no ano de 2006, e sua riqueza já havia encolhido para 1,2 bilhão de dólares. Descontando-se a inflação do período, isso equivalia a 678 milhões em dólares de 1987.

Ou seja, tomando por base o poder de compra de 1987, sua fortuna caiu de 20 bilhões para 678 milhões entre 1987 e 2006, o que significa que sua riqueza encolheu 96% neste período. E, desde 2006, sua riqueza continuou em irreversível declínio, de modo que ele hoje nem sequer figura no ranking da Forbes.

No entanto, segundo Piketty, a riqueza de Yoshiaki Tsutsumi deveria ter se multiplicado por seis.

O segundo homem mais rico do mundo em 1987 também era japonês: Taikichiro Mori. Na época, ele tinha uma fortuna estimada em 15 bilhões de dólares, o que o tornaria, em 1991, o homem mais rico do mundo, superando Tsutsumi. Taikichiro Mori faleceu em 1993 e legou sua fortuna a seus filhos: Minoru Mori e Akira Mori. O patrimônio conjunto de ambos é atualmente de 6,3 bilhões, o que equivalia a 3,075 bilhões de dólares em 1987. Ou seja, a riqueza encolheu 80%.

Não consegui encontrar dados referentes às atuais fortunas dos homens (ou de seus herdeiros) que ocupavam a terceira e a quarta posição da lista de 1987, os também nipônicos Shigeru Kobayashi e Haruhiko Yoshimoto, com fortunas estimadas em 7,5 bilhões e 7 bilhões de dólares respectivamente. No entanto, o fato de que ambos estavam acentuadamente investidos no setor imobiliário japonês em 1987, e dado que este setor vivenciou uma acentuada desvalorização no período — tudo combinado ao fato de que não há quase nada na internet sobre eles (ou sobre suas famílias) —, parece sugerir que ambos não tiveram melhor sorte do que seus conterrâneos Tsutsumi e Mori.

O quinto lugar da lista de 1987 era ocupado por Salim Ahmed Bin Mahfouz, cambista profissional e criador do maior banco da Arábia Saudita (o [National Commercial Bank da Arábia Saudita](#)). Naquele ano, o saudita gozava de uma fortuna estimada em 6,2 bilhões de dólares. Em 2009, faleceu seu herdeiro, Khalid bin Mahfouz, com uma riqueza estimada em 3,2 bilhões de dólares, que equivalem a 1,7 bilhão em dólares de 1987. Ou seja, um empobrecimento de 72,5%.

O sexto lugar da lista era ocupado pelos irmãos Hans e Gad Rausing, donos da multinacional sueca Tetra Pak. Ambos detinham um patrimônio estimado em 6 bilhões de dólares. Atualmente, Hans Rausing, já com 92 anos de idade, possui um patrimônio estimado em 12 bilhões de dólares, e ocupa a 92ª posição entre os mais ricos do mundo. Gad morreu no ano 2000, mas estima-se que seus herdeiros possuem uma fortuna de 13 bilhões de dólares. No total, portanto, a fortuna de ambos passou de 6 bilhões de dólares para 25 bilhões. No entanto, descontando-se a inflação do período, o enriquecimento de ambos foi muito menor: de 6 bilhões para 12,2 bilhões, o que equivale a uma taxa média de rentabilidade anual de 2,7%. Muito abaixo dos 6,8% sugeridos por Piketty.

O sétimo lugar era ocupado por um trio de irmãos: os irmãos Reichmann, proprietários da [Olympia and York](#), uma das maiores imobiliárias do mundo. Sua riqueza também era estimada em 6 bilhões de dólares. No entanto, cinco anos depois, a empresa protagonizou uma das mais estrondosas bancarrotas da história, a qual reduziu seu patrimônio a apenas 100 milhões de dólares. Um dos irmãos, Paul, conseguiu se recuperar das cinzas e hoje a riqueza de seus herdeiros está estimada em 2 bilhões de dólares, equivalentes a 975 milhões em dólares de 1987. Ou seja, uma perda de 84%.

A oitava posição estava ocupada por outro japonês, Yohachiro Iwasaki, com uma fortuna estimada em 5,6 bilhões de dólares. Seu herdeiro, Fukuzo Iwasaki, morreu em 2012 com um patrimônio de 5,7 bilhões, equivalentes a 2,8 bilhões em dólares de 1987: ou seja, uma perda patrimonial de 50%.

Melhor sorte teve o nono homem mais rico do mundo em 1987: o canadense Kenneth Roy Thomson, proprietário da Thomson Corporation (hoje parte do grupo Thomson Reuters). Naquele ano, Kenneth desfrutava um patrimônio de 5,4 bilhões de dólares; quando morreu, em 2006, havia conseguido incrementá-lo para 17,9 bilhões, equivalentes a 9,3 bilhões em dólares de 1987. Neste caso, sua média de retorno anual foi de 2,9%. De novo, muito abaixo dos 6,8% certificados por Piketty.

Finalmente, em décimo lugar estava Keizo Saji, com um patrimônio de 4 bilhões de dólares. Saji morreu em 1999 com uma fortuna de 6,7 bilhões de dólares, a qual, descontando-se a inflação do período, equivalia a 4,6 bilhões em dólares de 1987. Ou seja, uma taxa média de retorno anual de 1,1%.

### **A extremamente complicada conservação do capital**

Ludwig von Mises já [alertava](#) para a inevitabilidade deste fenômeno ainda na década de 1940:

*Em uma economia de mercado, naquela em que há liberdade de empreendimento, e ausência de privilégios e protecionismos estatais, a riqueza de um indivíduo representa a recompensa concedida pela sociedade pelos serviços prestados aos consumidores no passado. E esta riqueza só pode ser preservada se ela continuar a ser utilizada — isto é, investida — no interesse dos consumidores.*

*Atribuir a cada um o seu lugar próprio na sociedade é tarefa dos consumidores, os quais, ao comprarem ou absterem-se de comprar, estão determinando a posição social de cada indivíduo. Os consumidores determinam, em última instância, não apenas os preços dos bens de consumo, mas também os preços de todos os fatores de produção. Determinam a renda de cada membro da economia de mercado.*

*Se um empreendedor não obedecer estritamente às ordens do público tal como lhe são transmitidas pela estrutura de preços do mercado, ele sofrerá prejuízos e irá à falência. Outros homens que melhor souberam satisfazer os desejos dos consumidores o substituirão.*

*Os consumidores prestigiam as lojas nas quais podem comprar o que querem pelo menor preço. Ao comprarem e ao se absterem de comprar, os consumidores decidem sobre quem permanece no mercado e quem deve sair; quem deve dirigir as fábricas, as fornecedoras e as distribuidoras. Enriquecem um homem pobre e empobrecem um homem rico. Determinam precisamente a quantidade e a qualidade do que deve ser produzido. São patrões impiedosos, cheios de caprichos e fantasias, instáveis e imprevisíveis. Para eles, a única coisa que conta é sua própria satisfação. Não se sensibilizam nem um pouco com méritos passados ou com interesses estabelecidos.*

Contrariamente ao que muitos imaginam, e ao que Thomas Piketty pretende demonstrar, não é nada simples conservar seu patrimônio em uma economia de mercado: este sempre estará ao sabor (1) das volúveis e inconstantes preferências dos consumidores, (2) do surgimento de novos concorrentes que podem acabar roubando sua fatia de mercado, ou (3) de um possível reajuste (e posterior colapso) do preço dos seus ativos. É falso dizer que há um valor acima do qual a acumulação de capital passa a ocorrer de modo quase automático.

Ao contrário, aliás: quanto maior for o patrimônio pessoal de um indivíduo, mais complicado será fazê-lo crescer: as oportunidades para reinvestir todo o seu capital a altas taxas de retorno são muito escassas, a menos que se queira arriscar e se aventurar em outros mercados, nos quais não se tem nenhuma vantagem comparativa.

As mesmas razões que fazem com que um estado grande seja um péssimo gestor de capitais servem para explicar por que os bilionários vão ficando sem ideias e aptidões para gerenciar sua fortuna — até o ponto em que não mais são capazes de se reinventarem continuamente, acabando por ver seu patrimônio reduzido, nem que seja apenas pela inflação. Não é à toa que a sabedoria popular a este respeito vale mais do que as elucubrações de muitos economistas míopes: *from clogs to clogs in three generations*<sup>[1]</sup>, o que significa que a riqueza acumulada por uma geração já estará totalmente dissipada na terceira geração.

Atualmente, com efeito, nem sequer são necessárias três gerações. Bastam três décadas para se perder quase tudo.

Em 2013, os sobrenomes Tsutsumi, Mori, Reichmann, Iwasaki e Saji eram praticamente irrelevantes. Da mesma maneira, em 1987, muitos dos homens mais ricos da atualidade — Bill Gates, Amancio Ortega, Larry Ellison, Jeff Bezos, Larry Page, Sergey Brin, Mark Zuckerberg — estavam trabalhando em uma garagem, ou estavam fazendo faculdade, ou estavam brincando no jardim de infância. Nenhum herdou sua atual fortuna. Veremos quantos deles seguirão na lista dentro de três décadas.

---

[1] *Clogs* é um tipo de sapato barato, feito inteiramente de madeira e comumente utilizado por operários que realizam trabalho pesado.

<http://www.mises.org.br/Article.aspx?id=1836>

---

## Algumas frases aterradoras contidas no livro de Thomas Piketty

Robert P. Murphy, sexta-feira, 30 Maio 2014

Vários artigos, inclusive na grande mídia, já foram escritos comentando os vários erros teóricos, bem como as flagrantes manipulações de dados, encontrados no livro-sensação do momento, *Capital no Século XXI*, do francês Thomas Piketty.

O *Financial Times*, por exemplo, descobriu que o livro contém dados que foram **deliberadamente adulterados**.

Juan Ramón Rallo decidiu testar empiricamente a tese central propagandeada pelo livro — a de que a riqueza dos bilionários aumenta quase que por inércia, a uma taxa maior que a do crescimento da economia — e também **descobriu que ela não se sustenta**.

E Hunter Lewis **mostrou** que os dados utilizados por Piketty não apenas foram erroneamente interpretados por ele como também, e ainda pior, são baseados em extrapolações criadas pelo próprio autor.

Meu intuito aqui é outro: quero chamar a atenção para o estupefaciente ódio à propriedade privada e aos básicos direitos à privacidade financeira que permeia todo o livro. A maneira mais rápida de fazer isso é simplesmente reproduzindo algumas das mais aterradoras frases contidas no livro, as quais vão logo abaixo.

À medida que você for lendo as frases abaixo, lembre-se de que o livro de Piketty vem sendo celebrado por toda uma gama de intelectuais progressistas, os quais, mesmo quando eventualmente o criticam pontualmente — como **fez Larry Summers**, ex-secretário do Tesouro de Bill Clinton —, fazem questão de ressaltar que o livro é simplesmente maravilhoso.

O motivo de tais intelectuais estarem dispostos a relevar os vários erros metodológicos, teóricos e empíricos encontrados no livro é simplesmente porque eles endossam o *espírito do livro*. E quando você finalmente entender qual é exatamente esse espírito, você ficará extremamente preocupado quanto ao futuro. Apenas leia o material coletado.

*"Impostos não são uma questão técnica. Impostos são, isso sim, uma questão proeminentemente política e filosófica, talvez a mais importante de todas as questões políticas. Sem impostos, a sociedade fica destituída de um destino comum, e a ação coletiva se torna impossível." (p. 493)*

*"Quando um governo tributa um determinado nível de renda ou de herança a uma alíquota de 70 ou 80%, o objetivo principal obviamente não é o de aumentar as receitas (porque essas altas alíquotas nunca geram muita receita). O objetivo é abolir tais rendas e heranças vultosas, as quais são socialmente inaceitáveis e economicamente improdutivas..." (p. 505)*

*"Nossas descobertas [de Piketty e de seus co-autores] possuem importantes implicações para o grau desejável de progressividade tributária. Com efeito, elas indicam que impor alíquotas confiscatórias sobre as altas rendas não apenas é possível como também é a única maneira de acabar com os aumentos observados nos altos salários. De acordo com nossas estimativas, a alíquota ótima de imposto de renda para os países desenvolvidos é provavelmente uma maior que 80%." (p. 512)*

*"Uma alíquota de 80% aplicada a receitas maiores que US\$500.000 ou US\$1 milhão por ano não traria ao governo muito em termos de receita, pois ela rapidamente alcançaria seu objetivo: reduzir drasticamente as remunerações, mas sem reduzir a produtividade da economia, de modo que os salários subiriam a níveis menores". (p. 513)*

*"O propósito primário dos impostos sobre ganhos de capital não é o de financiar programas sociais, mas sim o de regular o capitalismo. A meta é, em primeiro lugar, acabar com o contínuo aumento na desigualdade de renda, e, em segundo lugar, impor uma regulação efetiva sobre os sistemas bancário e financeiro para evitar crises." (p. 518)*

*"[A transparência financeira associada ao imposto global proposto por Piketty] iria gerar preciosas informações sobre a distribuição de riqueza. Os governos nacionais, as organizações internacionais, e os institutos de estatística ao redor do mundo iriam pelo menos ser capazes de produzir dados confiáveis sobre a evolução da riqueza global... [Os cidadãos] teriam acesso a dados públicos sobre fortunas, cujas informações seriam fornecidas por lei. Os benefícios para a democracia seriam consideráveis: é muito difícil ter um debate racional sobre os grandes desafios enfrentados pelo mundo atual — o futuro do estado de bem-estar social, os custos da transição para novas fontes de*

*energia, o tamanho do estado em países desenvolvidos, e muito mais — porque a distribuição global de riqueza continua muito opaca." (pp. 518-519)*

*"Um imposto de 0,1% sobre o capital não seria apenas mais um imposto; ele teria, acima de tudo, o intuito de ser uma lei que obriga o relato compulsório de informações pessoais. Todos seriam obrigados a divulgar informações sobre a natureza de seus ativos para as autoridades financeiras mundiais. Só assim poderão ser reconhecidos como os proprietários legais daquilo que possuem..." (p. 519)*

*Referindo-se à necessidade de se abolir todos os paraísos fiscais por meio da obrigatoriedade de especificar todos os seus ativos às autoridades globais: "Ninguém tem o direito de determinar suas próprias alíquotas de impostos. Não é certo que indivíduos enriqueçam por meio do livre comércio e da integração econômica, obtendo lucros à custa de seus vizinhos. Isso é roubo puro e descarado." (p. 522)*

*"Se, amanhã, alguém descobrir em seu quintal um tesouro maior do que toda a riqueza existente em seu país, seria correto aprovar uma emenda constitucional para que esta riqueza seja redistribuída de uma maneira mais sensata (é o que devemos desejar)." (p. 537)*

*"Na África, a saída de capitais sempre excedeu o influxo de ajudas estrangeiras. Não há dúvidas de que foi algo bom vários países ricos terem impetrado medidas judiciais contra líderes africanos que saíram de seus respectivos países com grandes fortunas. Porém, seria algo ainda mais proveitoso criar uma instituição de âmbito global voltada para a cooperação tributária e para o compartilhamento de dados com o objetivo de permitir que os países da África e de outros continentes descubram essas pilhagens de maneira mais sistemática e moderna, especialmente quando se leva em conta que empresas internacionais e acionistas de todas as nacionalidades são, no mínimo, tão culpados quanto as inescrupulosas elites africanas. De novo, a transparência financeira e um imposto global e progressivo sobre o capital são a solução correta." (p. 539)*

*"Do ponto de vista do interesse geral e do bem comum, é preferível tributar os ricos a tomar emprestado deles." (p. 540)*

Essas frases revelam que Piketty na realidade não tem nenhum interesse em apenas aumentar as receitas dos governos com seus esquemas tributários; o que ele realmente quer é acabar de uma vez por todas com a formação de fortunas.

Para finalizar, um alerta a todos que ainda prezam valores ultrapassados como privacidade financeira e estado de direito: preocupem-se. Piketty e todos aqueles que estão tecendo louvores a seu livro não têm a mais mínima consideração pela maneira

como uma pessoa construiu sua fortuna. Não importa se você trabalhou duro, poupou e foi um corajoso empreendedor. Tudo será confiscado. Eles, aliás, nem sequer têm "planos nobres" para como irão utilizar toda a propriedade que pretendem confiscar — o objetivo é apenas o de garantir que uma pessoa rica deixe de ser rica.

Se você for razoavelmente rico, é melhor se tornar amigo de Piketty e sua turma, e bem rápido. Talvez assim eles permitirão que você mantenha pelo menos uma fatia de suas propriedades.

<http://www.mises.org.br/Article.aspx?id=1872>

---

## As “descobertas” de Piketty estão invertidas

George Reisman, sexta-feira, 27 jun 2014

Thomas Piketty, um professor neomarxista francês, escreveu um livro de quase 700 páginas, publicado pela Harvard University Press. Seu título é *Capital no Século XXI*, em homenagem a *Das Capital*, obra de Karl Marx escrita no século XIX. Foi recebido com aplausos delirantes da esquerda intelectual e já consta nas listas de mais vendidos do *The New York Times* e da Amazon.

Embora seu livro seja ostensivamente dedicado ao estudo do capital e de sua *taxa de retorno*, Piketty aborda o assunto sem aparentemente ter lido uma única página de Ludwig von Mises ou de Eugen von Böhm-Bawerk, os dois principais teóricos deste assunto. Não há uma única referência a qualquer um destes indivíduos em seu livro. Existem, no entanto, setenta referências a Karl Marx.

Em seu livro, Piketty argumenta que a poupança e a acumulação de capital feita pelos capitalistas geram apenas a redução dos salários dos trabalhadores. Segundo Piketty, o capital acumulado não tem nenhuma ligação com o aumento da produção; o capital acumulado em nada contribui para o aumento da produção. Tudo o que ele faz é, supostamente, aumentar a fatia da renda nacional que vai para os lucros ao mesmo tempo em que reduz, de maneira equivalente, a fatia que vai para os salários dos trabalhadores.

Logo, dado que o capital acumulado não gera nenhuma produção adicional, o efeito de uma mudança nestas duas fatias é uma correspondente mudança em termos absolutos — ou seja, um aumento nos lucros reais dos capitalistas e uma diminuição nos salários reais dos trabalhadores.

Para evitar esta infundável e destrutiva acumulação de capital, bem como sua consequente "espiral de desigualdade", Piketty defende um imposto de renda progressivo, cuja alíquota pode chegar a 80% "sobre rendas acima de US\$500.000 ou US\$1 milhão por ano", acompanhado por um imposto progressivo que incide

diretamente sobre o próprio capital acumulado, cuja alíquota pode chegar a 10% ao ano.

As alegações de Piketty sobre as fatias da renda nacional que vão para os salários dos trabalhadores e para os lucros dos capitalistas podem ser refutadas simplesmente ao imaginarmos as consequências de um aumento na poupança e nos investimentos dos capitalistas, e então observarmos as consequências disso, tanto nos salários pagos quanto na quantidade de lucro no sistema econômico. Será possível observar que os salários pagos necessariamente aumentarão e a quantidade de lucro necessariamente diminuirá, resultados diametralmente opostos às alegações de Piketty.

Assim, suponha que, inicialmente, a quantidade total de lucro no sistema econômico seja de 200 unidades de dinheiro. Suponha também que o capital acumulado no sistema econômico seja de 2.000 unidades de dinheiro. Consequentemente, a taxa média inicial de lucro é de 10%.

E, finalmente, suponha que os capitalistas, que até agora vêm consumindo seus 200 de lucro, decidam poupar e investir *metade* deste lucro de 200. Eles, portanto, passam a fazer agora um gasto adicional com bens capitais e com mão-de-obra no valor de 100.

Muito bem. Qualquer fatia destes 100 que seja usada para pagamentos de salários irá necessariamente *aumentar* o total de salários pagos no sistema econômico. Ao mesmo tempo, o gasto adicional de 100 com bens capitais e com mão-de-obra representa um acréscimo de 100 aos custos agregados do sistema produtivo, custos esses que, por uma mera questão de contabilidade, terão de ser deduzidos das receitas, desta forma *reduzindo* de maneira equivalente os lucros agregados.

Esse aumento nos custos pode ocorrer imediatamente ou ao longo de muitos anos, dependendo de em quê estes 100 serão gastos. Em um extremo, se eles forem gastos inteiramente com itens que não representam investimentos — como, por exemplo, despesas administrativas —, eles aparecerão nos balancetes imediatamente como custos adicionais.

Em outro extremo, se eles forem gastos inteiramente em investimentos em bens de capital — como, por exemplo, a construção de fábricas ou de instalações (ativos) cuja vida depreciável seja de quarenta anos —, eles levarão quarenta anos para ser computados integralmente como custos adicionais equivalentes de produção.

De uma maneira ou de outra, estes 100 aparecerão como custos adicionais equivalentes e, portanto, *reduzirão* de maneira equivalente a quantidade de lucro no sistema econômico.

Isso é regra contábil pura, algo que aparentemente o professor desconhece.

Assim, as tão reverenciadas "descobertas" de Piketty estão, na realidade, invertidas. A poupança e os investimentos dos capitalistas — que aumentam a proporção entre

capital acumulado e renda — *aumentam* a fatia da renda nacional que vai para os salários dos trabalhadores e *diminui* a fatia que vai para os lucros.

No que mais, essa maior oferta de bens de capital — resultante de uma maior acumulação de capital, possibilitada por mais poupança e mais investimentos — faz *aumentar* a produtividade da mão-de-obra e *aumentar* o total de bens e serviços que podem ser produzidos, incluindo uma oferta ainda maior de bens de capital.

Por outro lado, a tributação desta poupança e deste capital acumulado — que é o que defende Piketty — irá gerar efeitos exatamente opostos: menos investimentos, menos salários, menos produção, mais escassez de bens e serviços, mais carestia.

O programa de Piketty é um programa de total destruição econômica, bem ao gosto de seu mentor do século XIX. O mundo e, acima de tudo, os assalariados do mundo necessitam é da abolição de impostos e de regulamentações que obstruem o acúmulo de capital e o aumento da produção.

As bases sólidas para um aumento no padrão de vida geral e, mais especificamente, nos salários reais são a acumulação de capital e o aumento da produção, e não o igualitarismo e suas teorias e programas insensatos (quando não homicidas). Tributação e confisco de renda geram apenas prolongamento da escassez, sendo positivos apenas para os burocratas que comandam esse confisco.

<http://www.mises.org.br/Article.aspx?id=1891>

---

## Thomas Piketty e seus dados improváveis

Hunter Lewis, sexta-feira, 28 nov 2014

O principal livro de Keynes, *A Teoria Geral do Emprego, do Juro e da Moeda*, está repleto de teoria econômica. Há apenas duas páginas contendo dados, e Keynes ainda desqualifica esses dados dizendo que são "improváveis".

Em contraste, o novo livro do francês Thomas Piketty, *O Capital do Século XXI*, que é a sensação mundial do momento, é recheado de dados. Ironicamente, Piketty se considera um sucessor daquele mesmo economista cujos dados Keynes descartou como improváveis: Simon Kuznets. Quase todas as pessoas que realmente leram o livro admitem que o argumento teórico de Piketty é fraco. No entanto, seus defensores prontamente contra-argumentam: "Mas veja todos esses dados! Não dá para argumentar contra todo esse volume de evidências históricas!"

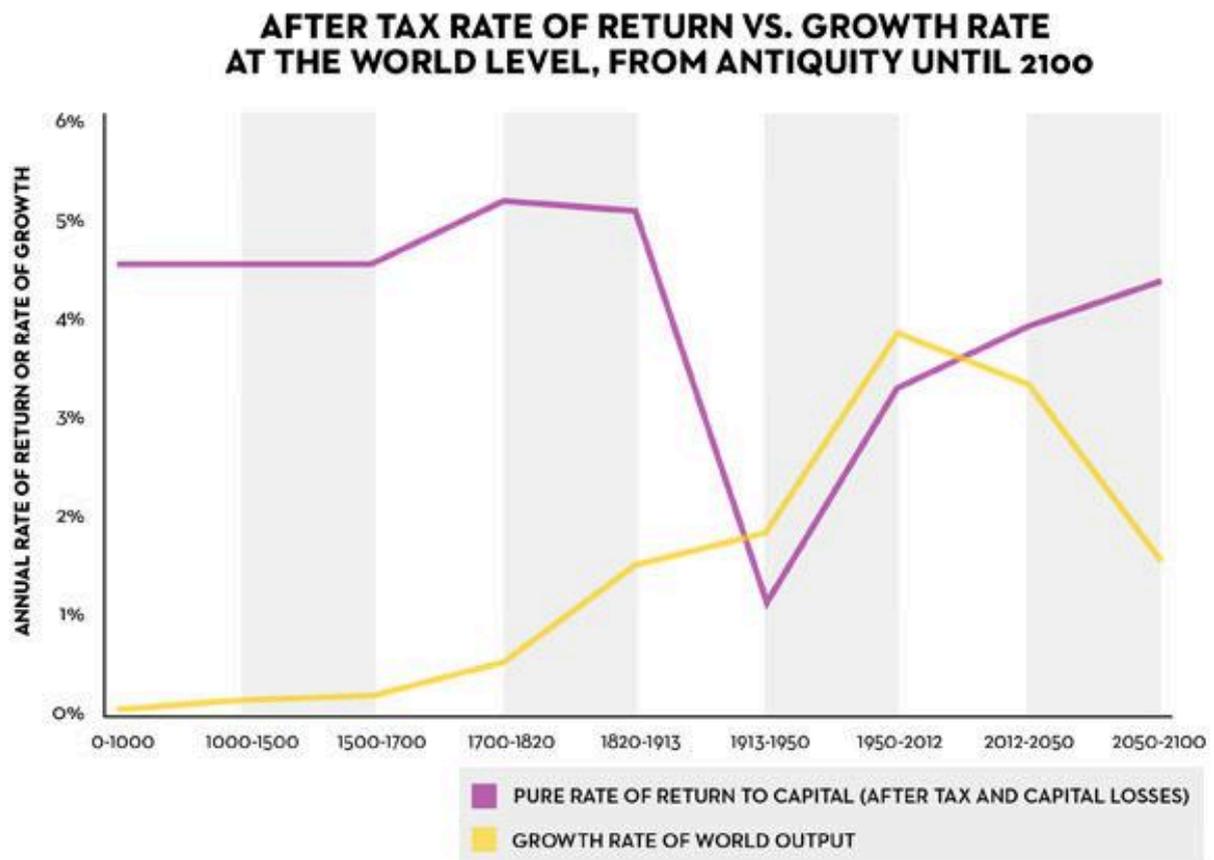
O principal argumento de Piketty é que a riqueza (que tende a se concentrar em poucas mãos) cresce mais rapidamente do que a economia, de modo que aqueles que já

possuem muita riqueza vão se tornando cada vez mais ricos em relação a todos os outros. Supostamente, esta seria uma característica inevitável do capitalismo.

(Se essa tese lhe soa familiar, é porque ela realmente é: a teoria de Piketty é apenas uma repetição mais atualizada do que Marx e Keynes já haviam dito, embora seja válido lembrar que Keynes zombou da maioria das coisas ditas por Marx, classificando-as como "embuste").

Mas qual seria então a prova de que a riqueza cresceu mais rápido do que a economia?

Analisemos o gráfico abaixo, que foi adaptado do livro de Piketty. A linha roxa é o retorno sobre o capital e a linha amarela é a taxa de crescimento da economia mundial. A linha roxa supostamente mostra como os ricos estão se saindo e a linha amarela, como o cidadão médio está progredindo. Observe que as partes de ambas as linhas localizadas na extrema direita do gráfico são meramente uma projeção de Piketty, e não dados históricos.



Este gráfico é espantoso por várias razões. Em primeiro lugar, ele sugere que o capital apresentou um retorno de 4,5% ou mais, *por ano*, no período que vai do ano 0 ao ano 1800. Este valor é insano. Por exemplo, se toda a raça humana houvesse começado o ano 1 com uma riqueza total de apenas US\$10, um crescimento composto de 4,5% ao ano durante 1.800 anos faria com que, atualmente, fossemos mais de um trilhão de

vezes mais ricos do que realmente somos — lembrando que a riqueza total do mundo foi estimada pelo Credit Suisse em US\$241 trilhões de dólares.

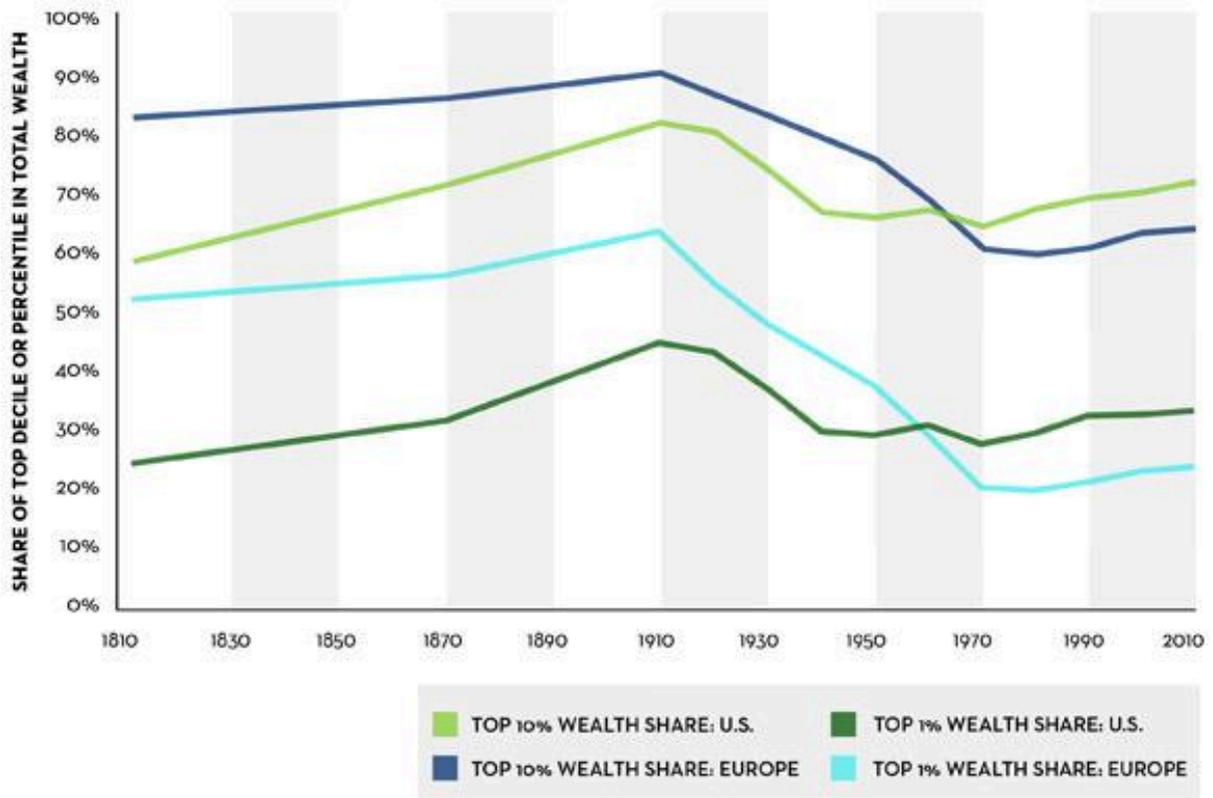
Esse valor de 4,5% de retorno sobre o capital também é insano porque o próprio Piketty argumenta, e muito corretamente, que todo o crescimento econômico ocorrido antes da Revolução Industrial foi insignificante, o que significa que retornos tão altos para os ricos simplesmente não são compatíveis com um crescimento tão ínfimo. A verdade é que, durante boa parte desse período, os ricos estavam mais interessados em gastar ou em esconder suas riquezas a investi-las, pois, naquela época, expor suas riquezas significava se tornar suscetível a ser roubado — ou por bandidos ou pelo governo.

Por fim, se analisarmos mais atentamente a parte mais atual do gráfico (1913 a 2012) e ignorarmos a projeção feita para o futuro, veremos que as linhas também não dão sustentação à tese de Piketty. A ideia de que, no capitalismo, os ricos sempre necessariamente se tornam mais ricos em relação a todos os outros simplesmente não é corroborada pelos dados que ele apresenta.

Já o gráfico seguinte mostra a fatia da riqueza nas mãos dos 10% mais ricos da Europa ao longo do tempo (linha azul-escura), a fatia de riqueza nas mãos dos 10% mais ricos dos EUA (a linha verde clara), a fatia da riqueza nas mãos do 1% mais rico da Europa (linha azul-clara) e a fatia da riqueza nas mãos do 1% mais rico dos EUA (a linha verde-escuro).

Este gráfico também não corrobora a tese de Piketty. Sim, a fatia dos ricos cresceu desde 1970, mas só depois de ter caído acentuadamente antes.

## WEALTH INEQUALITY: EUROPE AND THE U.S., 1810-2010



Finalmente, o próximo gráfico mostra a renda dos 10% mais ricos dos EUA ao longo do tempo em termos da porcentagem da renda total do país.

Renda, neste caso, inclui também os ganhos de capital, que, em termos práticos, não representam renda verdadeira, mas sim apenas uma troca de um ativo por outro. E exclui as transferências de renda feitas pelo governo, exclusão essa gera uma grande alteração nos resultados. Ainda assim, mais uma vez, não se observa nenhum aumento inexorável na renda dos mais ricos ao longo do tempo. Longe disso.

## INCOME INEQUALITY IN THE UNITED STATES, 1910-2010



O que realmente vemos no gráfico acima são dois picos para as pessoas de maior renda: um imediatamente antes da crise de 1929 e o outro imediatamente antes da crise de 2008. Ambos os picos ocorreram justamente durante as duas maiores bolhas econômicas da história americana, nas quais o Banco Central americano, em conluio com o sistema bancário, estimulou a expansão do crédito e criou muito dinheiro, o que gerou uma falsa e insustentável prosperidade. Ambas também foram eras que representaram o ápice do capitalismo corporativista — também chamado de "capitalismo de compadrio" —, no qual aquelas pessoas ricas que tinham conexões com os governos utilizaram o dinheiro criado pelo sistema bancário para se tornar ainda mais ricas ou simplesmente se beneficiaram de outras políticas governamentais que as favoreciam.

Infelizmente, após a crise de 2008, o ativismo dos bancos centrais ao redor do mundo inflou outra bolha nos mercados de capitais. Isso elevou a fatia da renda dos mais ricos novamente para o patamar de 50% da renda total em 2012, baseando-se em dados foram disponibilizados após a publicação do livro. Só que essa nova bolha também irá estourar, o que derrubará a fatia da renda dos mais ricos de volta ao patamar dos 40% observados em 1910, início do período analisado pelo gráfico.

Talvez a [afirmação mais surpreendente](#) do livro de Piketty é a de que as burocracias governamentais terão de ser reformadas para que possam fazer um uso mais eficiente de toda a receita adicional que será gerada pelos novos impostos sobre renda e sobre a riqueza que ele recomenda. A suposição é a de que o controle governamental quase

que completo sobre a economia seria o melhor arranjo, ainda que esse mecanismo necessite de alguns ajustes para ser definitivamente implantado.

Ludwig von Mises [demonstrou](#), há quase 100 anos, que uma economia gerenciada pelo estado simplesmente não tem como funcionar, pois, entre outros problemas, ela não é capaz de estabelecer preços racionais. Só uma economia guiada pelos consumidores pode fazer isso. Os socialistas têm tentado refutar a tese de Mises desde então, mas nunca conseguiram. Piketty deveria ao menos ler Mises.

<http://www.mises.org.br/Article.aspx?id=1855>

---

## Um breve comentário sobre Thomas Piketty

Thomas DiLorenzo, domingo, 4 jan 2015

É realmente impressionante como acadêmicos marxistas conseguem sempre — sempre! — enganar a mídia e os incautos: eles são vistos como possuidores de um alto padrão moral ao mesmo tempo em que defendem a ideologia responsável que prega a chacina e a obliteração da civilização humana, e que foi [responsável direta pela morte de centenas de milhões de pessoas ao longo do último século](#).

O mais recente "herói" entre os acadêmicos marxistas é [Thomas Piketty](#), um economista marxista francês que escreveu aquele que ele próprio considera ser uma versão atualizada de *Das Kapital*, de Karl Marx. Seu livro, *O Capital no Século XXI*, recebeu elogios rasgados de ideólogos esquerdistas de todos os cantos do mundo, especialmente de seu fã mais delirante, Paul Krugman.

O roteiro é sempre, e inacreditavelmente, o mesmo: a "desigualdade" de renda é horrível, e por isso o estado deve confiscar mais dinheiro da classe produtiva para redistribuí-lo à classe parasítica — ao mesmo tempo em que, obviamente, deve pagar polpudas comissões a consultores econômicos como Piketty, que fazem o trabalho de "justificar" a necessidade de todo esse esbulho.

As ideias de Piketty podem ser resumidas no seguinte silogismo:

- 1) O socialismo sempre se revelou um colossal desastre em todos os locais do globo em que foi implantado;
- 2) praticamente todas as pessoas do mundo sabem disso;
- 3) por isso, precisamos de ainda mais socialismo, pois o socialismo que foi tentado não foi o correto.

Piketty diz que o "problema" do capitalismo é que o capital investido gera retornos mais altos do que os ganhos do trabalho. Se esse é o problema, eis então uma solução

libertária para esse "problema": corte radical de impostos, desestatização, abolição de tarifas protecionistas e desregulamentação de todos os setores da economia. Essas quatro medidas imediatamente criariam mais liberdade econômica, mais liberdade de entrada, mais concorrência e, por conseguinte, menores lucros e uma menor taxa de retorno sobre o capital investido.

Haveria mais liberdade para que trabalhadores comuns se tornassem empreendedores e capitalistas, gerando uma necessária concorrência para os setores já estabelecidos.

Se o mundo for inundado por mais empreendedores capitalistas, a taxa de retorno do capital — que é o grande pecado do capitalismo, segundo Piketty — seria instantaneamente diminuída.

Quando isso ocorrer, pode contar com o futuro surgimento de um novo Thomas Piketty, que agora escreverá um livro de mil páginas sobre como os malefícios do capitalismo levaram a uma *diminuição* da taxa de retorno dos empreendedores, que agora estão com dificuldades para ter lucro. E como o governo deve intervir para aumentar a taxa de retorno dos empreendedores.

Nota do IMB: o governo francês [recuou e aboliu](#) a recém-implementada alíquota de 75% do imposto de renda após as receitas adicionais — contrariamente ao que foi previsto por Piketty — terem se revelado ínfimas. Não prenda a respiração na expectativa de que isso abalará a credibilidade de Piketty.

<http://www.mises.org.br/Article.aspx?id=2001>

---

## A moral de Piketty - por alguém que realmente leu todo o livro

João César de Melo, sexta-feira, 16 jan 2015

Segundo a Amazon, fui um dos poucos compradores de *O Capital do Século XXI*, de Thomas Piketty, que realmente leram o livro.

Seu programa Kindle registra que, dos mais de 80 mil cópias vendidas, a grande maioria dos leitores [não passa da página 26](#), considerando que o livro possui quase 700 páginas. Isso me lembra muitos socialistas que se dizem influenciados por Marx, apesar de nunca terem lido seus livros; e que também odeiam o liberalismo sem ter a menor noção do que se trata.

Um amigo, ao me flagrar com o tal livro, não vacilou em fazer piada: "Lendo a nova bíblia da esquerda?!". "Pois é... Sou liberal exatamente por saber o que os marxistas pensam", respondi.

Mesmo não sendo da área econômica, política ou do direito, sinto-me obrigado a ler essas "coisas", já que me interesso pelo assunto.

O Capital do Século XXI é apenas mais uma reedição de alguns devaneios marxistas, com o autor tentando relacionar dados selecionados com credices ideológicas impregnadas com uma das piores fraquezas humanas: a inveja.

Entre tantos gráficos, Piketty não esconde sua interpretação moral sobre a riqueza e, principalmente, sobre a herança. Chega a ser engraçado suas recorrentes citações aos romances de Balzac para ilustrar e "comprovar" as distâncias entre trabalhadores e herdeiros.

Seu livro tem um único objetivo: julgar moralmente o direito de uma pessoa guardar para si o fruto de seu próprio trabalho e decidir, por si mesma, qual o destino desse fruto. A "moralidade" de Piketty chega ao nível de condenar os herdeiros pelo sucesso dos pais!

Seu raciocínio é muito simples: quanto mais rico, mais imoral. Exercendo a arrogância típica dos socialistas, Piketty ignora completamente a história, os esforços e os talentos de indivíduos, enlatando-os como se formassem uma única e homogênea massa de pessoas de caráter condenável pelo simples fato de terem enriquecido.

Piketty tenta inúmeras vezes nos fazer crer que questiona Marx, aquele que "...escreveu tomado por grande fervor político, o que muitas vezes o levou a se precipitar e a defender argumentos mal embasados", em suas palavras, mas em seguida enaltece a coerência de algumas ideias do pai do comunismo.

Logo no começo, o neomarxista francês dá o tom do livro:

*"...o capitalismo produz automaticamente desigualdades insustentáveis, arbitrárias, que ameaçam de maneira radical os valores de meritocracia sobre os quais se fundam nossas sociedades democráticas".*

Oi? Um socialista que defende taxações e confiscos dizendo que o sistema de trocas voluntárias entre indivíduos e empresas é arbitrário? Pois é... Ouço e leio coisas parecidas todos os dias no Facebook, ditas e escritas por pessoas que nunca leram nada além de panfletos da esquerda.

Piketty, em sua tentativa de desmerecer a melhoria na qualidade de vida da população mundial promovida pelo capitalismo, reduz o aumento da expectativa de vida a um... "fato biológico"! Insiste, o tempo todo, que a desigualdade é algo terrível por si mesma,

ignorando, portanto, as [diferenças entre os diversos países do mundo no que se refere a estas "desigualdades"](#). Fica bem claro que sua preocupação não é com a pobreza, mas sim com a riqueza. Eis um socialista.

Em seu esforço para distorcer a realidade, Piketty chega a citar o caso chinês do que seria um exemplo de desenvolvimento social promovido pelo estado. Cita os investimentos em educação e em infraestrutura, mas se "esquece" de que nenhuma escola ou ponte é construída sem dinheiro, e que esse dinheiro vem da arrecadação de impostos, e que a quantidade de impostos arrecadada depende do poder e da liberdade econômica da sociedade como um todo.

Ou seja: ignora que centenas de milhões de chineses se livraram da extrema pobreza simplesmente porque [o estado deu um passo para trás](#), lhes dando [a liberdade para empreender](#) negócios visando o lucro, com direito de propriedade e com a possibilidade de ficarem ricos.

Piketty se "esqueceu" de muitas coisas. Esqueceu-se de falar sobre o papel do estado nos [problemas sociais e econômicos dos países atrasados](#). Esqueceu-se de falar sobre os desajustes fiscais, sobre a emissão irresponsável de moeda, sobre as arbitrariedades dos bancos centrais, sobre as concessões de créditos e de subsídios a determinados setores, empresas e até pessoas ligadas aos governos, o que sempre prejudica os mais pobres. Sua única referência pejorativa ao estado se dá ao afirmar que foi graças à corrupção do governo mexicano que Carlos Slim se tornou um dos homens mais ricos do mundo.

Sua facilidade em tecer julgamentos morais sobre a "riqueza excessiva" de empresários, executivos e herdeiros é proporcional à sua indiferença com o enriquecimento de políticos e ditadores mundo a fora.

Tentando desmoralizar a natureza do capitalismo, Piketty faz uma pergunta: "Podemos ter a certeza de que o 'livre' funcionamento de uma economia de mercado, fundamentado na propriedade privada, conduz sempre e por toda parte a esse nível ótimo, como que por magia?".

Pelo que sei, quem defende a "magia" nas soluções dos problemas do mundo são os socialistas, com seus planos sempre muito poéticos no púlpito e muito trágicos na realidade. Economistas liberais afirmam que todo e qualquer desenvolvimento depende de um longo período de liberdade econômica, o que possibilita o aperfeiçoamento espontâneo das interações entre mercado e sociedade, sem milagres.

A propósito, o mesmo Piketty que ignora os autores liberais mais importantes, tais como Milton Friedman, Ludwig von Mises, Friedrich Hayek e Carl Menger, faz questão de enaltecer Paul Krugman, [o pai da bolha imobiliária norte-americana](#), defensor da inflação como ferramenta de crescimento, palestrante em evento da revista Carta Capital. Nessa altura do livro, não me surpreendeu ler que, na prática, a "mão invisível" descrita por Adam Smith não existe porque "o mercado sempre é representado por

instituições específicas, como as hierarquias corporativas e os comitês de remuneração". De onde ele tirou isso?

Como todo "bom socialista", Piketty não deixaria de mirar seu furor ideológico na cultura norte-americana, citando meia dúzia de séries de TV como exemplos do culto à "desigualdade justa". O francês se empolga:

*"A sociedade meritocrática moderna, sobretudo nos Estados Unidos, é muito mais dura com os perdedores, pois baseia a dominação sobre eles na justiça, na virtude e no mérito, e, portanto, na insuficiência de sua propriedade".*

Isso é o que chamo de cretinice e desonestidade intelectual, por ignorar os mais estridentes dados de melhoria de qualidade de vida e de inclusão social registrados ao longo dos últimos 150 anos. Não por acaso, Cuba não é citada uma única vez no livro.

Também me provocou espécie alguns termos utilizados pelo economista, tais como "extremismo meritocrático", "fortunas indevidas" e "arbitrariedade do enriquecimento patrimonial".

Sua motivação ideológica, sempre ancorada em sua própria interpretação moral do mundo, nos oferece frases dignas de líderes estudantis:

*"O problema é que a desigualdade (...) conduz frequentemente a uma concentração excessiva e perene da riqueza (...) as fortunas se multiplicam e se perpetuam sem limites e além de qualquer justificação racional possível em termos de utilidade social".*

No mundo de Piketty, a maioria das fortunas de hoje estão nas mesmas famílias há séculos e continuarão assim para sempre caso o estado não intervenha taxando-as progressivamente, para que assim, só assim, prevaleça o "interesse geral em detrimento do interesse privado" — Luciana Genro diria o mesmo.

Todavia, nada me provocou mais espasmos do que ele confessando que não gosta do termo "ciência econômica" por lhe parecer "terrivelmente arrogante". Ele prefere a expressão "economia política". Acredito!

"Impostos não são uma questão técnica", afirma Piketty; "Impostos são, isso sim, uma questão proeminentemente política e filosófica, talvez a mais importante de todas as questões políticas." Piketty ignora completamente o que diz a história política da galáxia: taxações e confiscos beneficiam principalmente os burocratas que vivem de arbitrar essas mesmas taxações e esses mesmos confiscos. Piketty ignora também o resultado de todas as experiências socialistas: quanto mais se arbitra sobre a riqueza privada, [mais se intimida o indivíduo comum a tentar enriquecer](#), provocando, assim, uma desmotivação coletiva. A produtividade cai.

De fato, a desigualdade diminuiu, afinal, a sociedade deixa de ser dividida entre ricos e pobres e passa a ser formada apenas por pobres, vide Cuba e Coreia do Norte, sociedades tragicamente iguais.

Piketty não aprendeu que, em vez de rejeitarmos os ricos, deveríamos tentar mantê-los voluntariamente junto de nós, para que eles possam [gastar sua fortuna consumindo nossos produtos e serviços](#), não dos outros. Piketty parece que não enxergou sequer o que [aconteceu em seu próprio país](#) quando o governo decidiu sobretaxar as maiores fortunas: seus donos simplesmente foram embora, foram gastar seus bilhões [noutros países](#).

O *The Guardian* referiu-se a Thomas Piketty como o "rock star da economia". O *The Economist* o chamou de "ícone pop". Bem coerente. Mas eu prefiro minha descrição: Piketty é o economista que faz os ignorantes se sentirem cultos, os idiotas se sentirem inteligentes e os socialistas se sentirem honestos.

<http://www.mises.org.br/Article.aspx?id=2009>

---

## Piketty está errado: mercados não concentram riqueza

Louis Rouanet, segunda-feira, 14 dez 2015

O velho e apocalíptico temor marxista da crescente desigualdade nas sociedades capitalistas não pára de aumentar. A elite capitalista, dizem eles, se beneficia de uma dinâmica de infinita acumulação de riqueza e, com isso, brevemente será capaz de comprar tudo e a todos, inclusive o governo.

Este temor de ilimitada acumulação de riqueza nas mãos de poucos foi o principal tema do livro [O Capital no Século XXI](#), do francês Thomas Piketty, publicado em 2013. Em seu livro, Piketty [escreve](#):

*Seria um erro negligenciar a importância do princípio da escassez para a compreensão da distribuição mundial da riqueza no século XXI — para se convencer disso, basta substituir, no modelo de David Ricardo, o preço das terras agrícolas pelo dos imóveis urbanos nas grandes capitais [...]*

*Sem dúvida, existe um mecanismo econômico bem simples que permite equilibrar o processo: o mecanismo da oferta e da demanda. Se a oferta de qualquer bem for insuficiente e o preço estiver exageradamente elevado, a procura por esse bem deve baixar, o que permitirá uma redução do preço. Em outras palavras, se os preços dos*

*imóveis nas grandes cidades ficarem muito altos e o custo do petróleo aumentar, as pessoas podem decidir morar em áreas mais afastadas ou até andar de bicicleta (ou, quem sabe, os dois ao mesmo tempo). No entanto, além de desagradáveis e complicados, tais ajustes podem levar várias décadas para ocorrer; nesse ínterim, os proprietários de imóveis e os donos dos poços de petróleo podem acumular créditos tão volumosos em relação ao restante da população que poderão facilmente vir a possuir tudo o que houver para possuir, inclusive as terras no interior e as bicicletas. (Piketty 2013)*

Deixemos de lado o tolo exemplo envolvendo uma bicicleta como resposta de mercado para a escassez (tal exemplo implica um choque tecnológico negativo, sendo que vivemos hoje em um mundo extremamente inovador). O fato é que Piketty realmente acredita que uma única pessoa ou entidade se tornando proprietária de "tudo" é algo possível de ocorrer em um capitalismo de livre mercado. De acordo com Piketty, se  $r > g$  (ou seja, se a taxa de retorno sobre o capital investido é maior do que a taxa de crescimento econômico), haverá uma "infinita espiral de desigualdade".

Se Piketty houvesse lido os economistas seguidores da Escola Austríaca, e estivesse a par do debate sobre o cálculo econômico, ele já teria percebido que, em um mercado livre e desimpedido [*no qual não há privilégios e subsídios estatais, tarifas protecionistas e agências reguladoras protegendo empresas*], não há como surgir uma situação de acumulação de riqueza na qual há apenas um único indivíduo ou cartel dominando tudo. Com efeito, uma situação em que há um único e poderoso cartel ou um único e poderoso proprietário é o equivalente a um completo socialismo e, portanto, a uma situação em que uma alocação racional de recursos seria impossível, como Mises explicou clara e profundamente.

Foi Murray Rothbard quem brilhantemente demonstrou que a capacidade do cálculo econômico decresce à medida que aumenta o tamanho da empresa. Só que esse argumento pode ser igualmente aplicado à concentração de propriedades nas mãos de um só indivíduo. Como *demonstrou Rothbard*:

*O livre mercado impõe limites definidos sobre o tamanho da empresa, isto é, determina os limites da possibilidade de cálculo no mercado. Para calcular os lucros e os prejuízos de cada departamento, uma empresa tem de ser capaz de comparar suas operações internas aos mercados externos para cada um dos vários fatores de produção e produtos intermediários. Se qualquer um desses mercados externos desaparecer, pois todos foram absorvidos e se tornaram parte de uma única empresa, a capacidade de cálculo econômico desaparece, e não mais há nenhuma maneira de uma empresa racionalmente alocar fatores para aquela área específica. Quanto mais esses limites são transgredidos, maior se torna a esfera da irracionalidade econômica, e mais difícil será evitar prejuízos. Um grande e único cartel não seria capaz de alocar racionalmente fatores de produção, e isso faria com que fosse impossível evitar prejuízo*

*severos. Consequentemente, tal arranjo jamais poderia realmente ser estabelecido; e, ainda que fosse, jamais poderia ser mantido. Rapidamente ele se desintegraria.*

Logo, e contrariamente ao que Piketty e outros defensores do igualitarismo pensam, uma ilimitada concentração de riqueza é tecnicamente impossível em uma economia de mercado. É por essa razão que "um único e grande cartel" controlando toda a economia jamais surgiu em um livre mercado, e é por essa razão que a concentração de riqueza sempre será limitada.

A falta de rigor teórico no livro de Piketty é alarmante. Embora ele supostamente seja um estudioso da dinâmica da desigualdade de renda nas sociedades capitalistas, Piketty praticamente não analisa o papel do empreendedorismo; e, nas raras vezes em que o faz, não fornece absolutamente nenhuma definição sobre o que seja empreendedorismo. Essa total falta de rigor o permite liderar uma batalha ideológica contra os ricos, os quais ele considera serem "imerecedores". Similarmente, seja Piketty, seja [Anthony Atkinson](#), nenhum desses modernos adeptos do igualitarismo menciona o papel da divisão do trabalho na distribuição de riqueza.

Mas sabemos, no entanto, que a divisão do trabalho é uma característica crucial (e necessária) da economia de mercado. Com efeito, a própria existência de capitalistas ricos não é uma questão de herança ou de sorte imerecida, mas sim o resultado da "lei das vantagens comparativas". Um capitalista é alguém que possui uma vantagem comparativa em alocar capital — ou seja, ele tem uma capacidade superior aos outros neste quesito — e, consequentemente, é especialista nesta tarefa. Em um mercado livre e desimpedido, [aqueles que tendem a ser os mais ricos também tendem a ser os mais eficientes na alocação do capital](#). Se sua capacidade de alocação for ruim, então os consumidores irão puni-los. Se sua capacidade de alocação for boa, os consumidores irão recompensá-los.

[Frédéric Bastiat](#), em seu leito de morte em Roma, e não obstante estar severamente doente, deixou muito claro para o seu amigo [Prosper Pailloitet](#) que os economistas deveriam se [concentrar majoritariamente no consumidor](#). O consumidor, disse ele, é a fonte primária de quaisquer fenômenos econômicos. A principal falha do livro de Piketty é que ele explica a desigualdade começando não pelas escolhas dos consumidores, mas sim pela propriedade do capital. Os proprietários do capital, diz Piketty, se beneficiam de uma taxa de retorno sobre o capital e, quando esta taxa é maior que a taxa de crescimento econômico, ela intensifica as desigualdades de renda.

Para Piketty, a taxa de retorno sobre o capital é como se fosse um mítico fluxo de renda que depende não da capacidade dos proprietários do capital, mas sim de quanto capital você detém. Só que a distribuição de riqueza não é tão arbitrária quanto Piketty gosta de imaginar. O consumidor detém a palavra final na decisão sobre quem deve ser o proprietário dos fatores de produção. Como explicou Mises em [Ação Humana](#), os ricos

"não são livres para gastar um dinheiro que os consumidores não estão dispostos a lhes fornecer continuamente ao pagarem mais pelos produtos".

No mercado livre e desimpedido, os ricos só conseguem acumular mais riqueza se eles foram eficientes na tarefa de alocar capital, para o benefício de todos os consumidores. Há de se admitir que não há nada de moralmente errado nisso. Ao contrário: [devemos aplaudir esse arranjo](#).

Dado que a teoria econômica que fundamenta a tese de Piketty é fraca, suas explicações não batem com as evidências empíricas. Com efeito, [o próprio Piketty teve de admitir que](#) "não vejo  $r > g$  como a única, ou mesmo a principal, ferramenta para se considerar alterações na renda e na riqueza no século XX, ou para prever o caminho da desigualdade no século XXI". E, de fato,  $r > g$  não é um ferramenta útil para a discussão sobre a crescente desigualdade na renda do trabalho. Surpreendentemente, o próprio Piketty admitiu a debilidade de seu modelo perante o fato de que o aumento da da renda dos mais ricos nos EUA durante o período 1980—2010 deveu-se majoritariamente a uma crescente desigualdade nos salários, e não à taxa de retorno do capital.

Adicionalmente, deve-se ressaltar que, tanto em termos teóricos quanto empíricos, quanto mais rico é um indivíduo, mais volúvel é a riqueza dele: [todos os bilionários da lista da Forbes da década de 1980 deixaram de sê-lo atualmente](#). Sendo assim, se a riqueza é tão instável para o 1% mais rico, podemos concluir que a infinita concentração de riqueza é um mito que não ocorre em uma economia de mercado. Ao contrário, sociedades capitalistas [são mais tendentes a uma mobilidade inter-geracional](#), tanto para cima quanto para baixo.

Conseqüentemente, embora a desigualdade de renda, em um determinado momento, em sociedades capitalistas possa ser maior do que em economias mais socialistas, a economia de mercado pode perfeitamente oferecer *mais igualdade* se considerarmos a evolução das disparidades de renda entre indivíduos *ao longo de um grande período de tempo*.

Mais de 100 anos atrás, um economista Frances publicou um livro sobre desigualdade. Assim como o livro de Piketty, aquele livro foi celebrado nos EUA. Porém, ao contrário de Piketty, Paul Leroy Beaulieu tentou explicar em seu livro, *Essai sur la Répartition des Richesses* (1881), por que ele acreditava que a desigualdade, sem ser erradicada, diminuiria nas sociedades capitalistas. A radical diferença de tom entre os dois livros é uma boa ilustração da falência intelectual tanto dos EUA quanto da França desde a *Belle époque*. Do liberalismo clássico, sucumbimos à ilusão do igualitarismo; e do otimismo liberal quanto à ordem de livre mercado, degeneramos para o pessimismo socialista e igualitário.

Atualmente, as grandes desigualdades econômicas se devem à violenta intervenção do governo no mercado (ver [aqui](#), [aqui](#) e [aqui](#)). Por isso, deveríamos repensar se não seria mais sábio dar mais atenção a Paul Leroy Beaulieu do que a Thomas Piketty.

<http://www.mises.org.br/Article.aspx?id=2246>

---

## Até mesmo o “Pokémon Go” refuta Thomas Piketty

Juan Ramón Rallo, sexta-feira, 5 ago 2016

O economista francês Thomas Piketty foi a revelação de 2014 no âmbito das ciências sociais. Seu aclamado livro *O Capital no Século XXI* se converteu em uma obra de referência para a esquerda e para a direita, chegando ao ponto de se transformar em um livro que [é comprado mas não é lido](#). E, quando é lido, raramente é lido de maneira crítica.

Isso explica por que os incondicionais seguidores de Piketty se limitam apenas a utilizar trechos de suas entrevistas e não de seu livro. E explica também por que os entrevistadores de Piketty se rebaixam ao papel de apenas lhe estender um tapete vermelho para que ele lhes desfile suas platitudes em vez de fazerem qualquer pergunta desafiadora a respeito dos problemas básicos encontrados em seu livro.

A tese essencial da obra de Piketty é que as desigualdades mundiais estão aumentando em consequência da própria dinâmica do sistema capitalista: dado que os poupadores são capazes de reinvestir obtendo taxas de retorno superiores ao crescimento econômico, os capitalistas serão cada vez mais ricos em relação aos trabalhadores.

Em outras palavras, os ricos se tornam cada vez mais ricos porque os capitalistas são capazes de obter, automaticamente, uma taxa de retorno sobre seu capital investido maior que a taxa de crescimento de todo o conjunto da economia (sua famosa desigualdade  $r > g$ ). Isso significa, portanto, que os ricos vão abocanhando uma fatia cada vez maior do bolo.

Nas palavras do próprio Piketty: "A desigualdade  $r > g$  implica, em certo sentido, que o passado tende a devorar o futuro: a riqueza originada no passado cresce automaticamente mais rápido do que a riqueza derivada do trabalho, mesmo quando o rentista opte por não trabalhar".

Ou seja, uma pessoa é rica hoje não em função da riqueza que gerou hoje, mas sim da riqueza que tinha ontem graças à capitalização rentista dos juros.

Em primeiro lugar, a falsidade dessa afirmação é patente. A realidade é que a minha riqueza atual não depende essencialmente do passado, mas sim do futuro: eu não sou rico porque meus pais fizeram bons investimentos; eu sou rico porque sou capaz de continuar investindo sabiamente as propriedades que meus pais me legaram. Se meus pais me legarem uma fortuna, mas eu não souber administrá-la corretamente, poderei ficar pobre em pouco tempo. Não há nada de automático ou de garantido na perpetuação de minha riqueza.

Ao contrário do que afirma Piketty, nenhum ativo — real ou financeiro — possui uma rentabilidade automática ou garantida. Ser rico hoje não é garantia de continuar sendo rico no futuro. Mais ainda: ser rico hoje não é garantia nenhuma de que você será ainda mais rico no futuro. Que o digam os ricos da década de 1980: [todos eles perderam mais de 50% do seu patrimônio desde então](#).

O fato é que, quanto mais capital você possui, *menor* é a sua capacidade de torná-lo rentável: a capacidade de investi-lo bem, de evitar erros e de encontrar oportunidades lucrativas de investimento que ninguém mais conseguiu encontrar é tanto menor quanto maior a quantidade de fundos que você tem de gerenciar.

Embora Piketty supostamente seja um estudioso da dinâmica da desigualdade de renda nas sociedades capitalistas, a falta de rigor teórico em seu livro é alarmante. Piketty praticamente não analisa o papel do empreendedorismo; e, nas raras vezes em que o faz, não fornece absolutamente nenhuma definição sobre o que seja empreendedorismo. Essa total falta de rigor o permite liderar uma batalha ideológica contra os ricos, os quais ele considera serem "imerecedores".

### **Surge o *Pokémon Go***

No início de julho, empresa japonesa de videogames Nintendo lançou um aplicativo *gratuito* para smartphones chamado [Pokémon Go](#), dando continuidade à popular franquia Pokémon.

O êxito deste aplicativo gratuito tem sido estrondoso: em poucos dias, superou os usuários ativos do Twitter e apresentou mais minutos de uso diário do que o WhatsApp. Isso permitiu ao aplicativo veicular uma potencialmente lucrativa publicidade dentro do jogo (como fazem todos os aplicativos gratuitos de smartphone).

O resultado econômico mais imediato foi uma [explosão na valorização das ações da Nintendo](#), que mais do que duplicaram em poucos dias.

## Nintendo Co., Ltd

TYO: 7974 - 5 de ago 15:00 GMT+9

20.715,00 JPY ↓510,00 (2,40%)

Um dia    Cinco dias    Um mês    Três meses    Um ano    Cinco anos    máx



Alguns dias mais tarde, quando a própria Nintendo divulgou um comunicado alertando que o impacto financeiro gerado pelo Pokémon Go nas receitas da empresa **seria menor do que o precificado pelos investidores**, as ações desabaram (vide gráfico acima).

Hoje, no entanto, *ainda são 33% maiores do que eram antes do lançamento do jogo*.

Tracemos agora um paralelo entre este súbito aumento na riqueza da Nintendo com a teoria de Piketty. Em que sentido a riqueza originada no passado *crece automaticamente* sem necessitar de engenho, criatividade, dedicação, satisfação dos consumidores e criação de valor? Em nenhum.

Se a Nintendo não houvesse investido e criado, **junto com a empresa Niantic**, o aplicativo Pokémon Go, sua capitalização na bolsa não teria explodido e a empresa não estaria hoje 33% mais rica. Ou se, por sua vez, a Nintendo houvesse criado um aplicativo desastroso que ninguém quisesse usar, seu valor de mercado não teria aumentado em nada — com efeito, poderia até desabar, pois a empresa teria gasto dinheiro no desenvolvimento, mas não teria obtido receita nenhuma, o que significa que ela queimou capital.

Como é possível dizer, então, que a riqueza passada gera *automaticamente* a riqueza futura? Por acaso aplicativos como Pokémon Go (ou ferramentas de busca como

Google, ou redes sociais como Facebook, ou aparelhos de celular como o iPhone) são criados automaticamente?

Não, o que cria a riqueza futura é o uso sábio dos fatores de produção atuais. O que cria riqueza futura é saber utilizar corretamente os fatores de produção existentes (mão-de-obra, cérebros humanos, recursos físicos e tecnológicos, inteligência, ideias) e direcioná-los a projetos empreendedorais que maximizam a criação de valor para os consumidores.

E esses projetos empreendedorais não são nem conhecidos *a priori* e nem são fáceis de ser descobertos.

Neste exato momento, ao redor do globo, há dezenas de milhões de cabeças *pensando* em como melhorar a vida das pessoas de uma maneira mais eficiente que o resto da concorrência. Somente aquelas que tiverem êxito em descobrir, criar e comercializar os produtos mais estimados pelos consumidores conseguirão acumular uma grande riqueza (isso em um mercado livre; em um mercado [regulado](#) e [protegido](#) pelo estado, irão enriquecer aqueles com as melhores conexões políticas e que forem mais hábeis em espoliar a riqueza gerada pelos demais).

E, como bem mostra aquela recente queda nas ações da Nintendo, que ninguém pense que esta enorme riqueza gerada pelo lançamento de um aplicativo de celular seja algo permanente e irreversível (como também afirma Piketty). A valorização de 33% da Nintendo reflete, pura e simplesmente, o valor presente de todos os lucros que se espera que o Pokémon Go gere *no futuro*. Esse aumento da riqueza da Nintendo não decorre dos ganhos passados que ela acumulou até hoje, mas sim os ganhos que são esperados no futuro em decorrência de um bom desempenho da empresa.

Por isso, se nos próximos dias, meses ou anos o Pokémon Go não se mostrar à altura das expectativas que se formaram hoje a seu respeito — se seus usuários não mais o utilizarem por tanto tempo como o fazem hoje, se surgirem outros aplicativos mais interessantes para os consumidores, se as receitas de publicidade não se mostrarem suficientes etc. —, então o valor das ações da Nintendo desabarão. Ou seja, esse crescimento de 33% em sua riqueza serão inteiramente revertidos.

Em suma, a riqueza que a Nintendo acumulou estes dias não dependeu em quase nada da riqueza que ela acumulou no passado (o Pokémon Go teve um [custo de desenvolvimento inferior a 30 milhões de dólares](#), os quais foram captados de diversas fontes), mas sim de como a empresa foi sábia em investir esse capital no presente e do como o seguirá investindo no futuro.

A riqueza não olha para o passado, mas sim para o futuro: aqueles que não sabem utilizar produtivamente seu capital em prol dos consumidores ficarão, na melhor das hipóteses, estagnados e com um patrimônio volúvel (a menos, é claro, que o estado os

proteja mediante o esbulho do resto da população). De novo, que o digam os ricos da década de 1980: [todos eles perderam mais de 50% do seu patrimônio desde então](#).

Já aqueles que utilizarem produtivamente sua poupança em prol dos consumidores e de uma maneira mais eficaz que os demais — e que saibam como continuar fazendo isso no futuro — verão seu patrimônio se multiplicar em pouco tempo, por mais escasso que tenha sido seu capital inicial.

A desigualdade de riqueza não é fruto de sua distribuição passada, como erroneamente afirma Piketty, mas sim de como ele utilizada visando ao futuro.

Quanto a Piketty, como já dito, em seu livro ele desconsidera o papel do empreendedor e nem sequer menciona o papel da divisão do trabalho na criação de riqueza. Mas a divisão do trabalho é uma característica crucial (e necessária) da economia de mercado. Com efeito, a própria existência de capitalistas ricos não é uma questão de herança ou de sorte imerecida, mas sim o resultado da "lei das vantagens comparativas". Um capitalista bem sucedido é alguém que possui uma vantagem comparativa em alocar capital — ou seja, ele tem uma capacidade superior aos outros neste quesito — e, conseqüentemente, é especialista nesta tarefa.

Em um mercado livre e desimpedido, aqueles que tendem a ser os mais ricos também tendem a ser [os mais eficientes na alocação do capital](#). Se sua capacidade de alocação for ruim, então os consumidores irão puni-los. Se sua capacidade de alocação for boa, os consumidores irão recompensá-los.

A Nintendo que o diga — por enquanto.

<http://www.mises.org.br/Article.aspx?id=2483>

---

